

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

VANESSA DE FÁTIMA DE PAULA FERNANDES

**JECA TATU: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CABOCLO BRASILEIRO
DO INÍCIO DO SÉCULO XX**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PATO BRANCO – PR
2018**

VANESSA DE FÁTIMA DE PAULA FERNANDES

**JECA TATU: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CABOCLO BRASILEIRO
DO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II, do curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Marcia Oberderfer Consoli

PATO BRANCO
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): VANESSA DE FÁTIMA DE PAULA FERNANDES

Título: JECA TATU: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CABOCLO BRASILEIRO DO INÍCIO DO
SÉCULO XX

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 20/06/2018, pela comissão julgadora.

Profa. Ma. Marcia Oberderfer Consoli
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Mestranda Eliza Koslinski
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO

Profa. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo TCC Portaria 295 01/09/2015

AGRADECIMENTOS

Desde a entrada no curso até o momento atual, foi graças a alguém muito importante, pois foi essa pessoa que acreditou que tudo isso seria possível, foi com ela que eu comemorei quando vi meu nome na lista de chamada da UTFPR, e meu nome estava lá graças a ela.

Obrigada Elizângela, por ter me acolhido em sua casa junto à sua família, por ter me dado carinho, atenção e amor. Agradeço por tudo que fez e ainda faz por mim, você ajuda a me fortalecer e acreditar que eu sou capaz de sempre fazer e ser melhor.

À minha família, meus pais em especial, meus tesouros, sou eternamente grata, obrigada pela vida linda que dividem comigo, eu não podia ter na vida alegria maior que esta.

Agradeço também à minha orientadora Marcia Oberderfer Consoli, que me proporcionou tamanha experiência e fez parte da minha vida na universidade. Obrigada por dedicar seu tempo, pela atenção e o carinho que teve comigo desde o início da nossa trajetória.

Obrigada vida...

**Como é fértil em recursos a
Imbecilidade humana.
(Monteiro Lobato)**

RESUMO

FERNANDES, VANESSA DE FÁTIMA DE PAULA. Jeca Tatu e a representação do caboclo brasileiro do início do Século XX. 2018. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Graduação de Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco.

Este trabalho de cunho análise literário analítico teve como objetivo abordar os aspectos que nortearam a vida de Monteiro Lobato com o intuito de apresentar as críticas feitas à condição de vida do homem do campo, descrevendo como era, na realidade, tornando possível ao público, uma forma de pensar no Brasil e nos seus problemas de uma outra forma e por um outro ângulo. Para a elaboração da pesquisa a respeito dos feitos do autor foi dada maior atenção às suas obras de cunho regionalista, interioranas. Nesse sentido, *Urupês* foi o livro delimitado para tal análise; o livro composto por 14 contos é elaborado com personagens do meio rural, o qual cada um apresenta sua forma de vida e seu dia. O livro apresenta conceitos que ilustram todos os aspectos críticos levantados por Lobato. A criticidade é feita por meio das condições de vida do Jeca Tatu, personagem que não tem qualidade de vida alguma, seja em relação à saúde ou à educação. Para tal análise, foram utilizados os seguintes referenciais teóricos, *A Literatura Infantil na Escola*, de Regina Zilberman, *Paranorama Histórico da Literatura Infantojuvenil* de Nelly Novaes Coelho e por fim o livro *De Lobato a Bojunga – As Reinações Renovadas* de Laura Sandroni. Com base nesses teóricos, abordando-se a obra *Urupês*, foi possível apresentar a vida e as questões diversas que o autor percorreu para então elaborar tal obra. Consoante a isso, o trabalho desenvolve um questionamento sobre a personagem Jeca Tatu, tendo como foco as questões sociais.

Palavras-chave: Análise Literária. Criticidade. Questões sociais.

ABSTRACT

FERNANDES, VANESSA DE FÁTIMA DE PAULA. Jeca Tatu and the representation of the Brazilian caboclo from the beginning of the 20th Century. 2018. 36f. Course Conclusion Work - Portuguese and English Literature Course. Federal Technological University of Paraná, Pato Branco.

This work of literary analysis aimed to present the welcome guided the life of Monteiro Lobato with the intention of presenting itself as a criticism made to the condition of the man of the field, as if it were a reality, to become possible to the public, a way of thinking about Brazil and its problems otherwise from another angle. The research of copyright and social rights has been given more attention to his works of regionalist, interiors. *Urupês* was the book delimited for the analysis, the book was made by 14 stories is elaborated with personages of the rural environment, where each one presents its way of life and its day. The book presents concepts that elucidate all aspects of what is done by Lobato, a criticism made by the knowledge of the life skills of the Tatu, which has no quality of life, either in health or education. Regina Zilberman's *Children's Literature at School*, Paranormal History of Children's Literature by Nelly Novaes and Coelho de Lobato *a Bojunga - As Re-Renovated* by Laura Sandroni. Based on theoretical data and on production, it was possible to present a life and other issues as the author traveled to then elaborate such work. It resulted in a job bringing a questioning with a character.

Keywords: Literary Analysis. Criticity. Social questions.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MONTEIRO LOBATO: VIDA E OBRA.....	10
3	LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA E LOBATO: SUAS PERSONAGENS CONSAGRADAS	14
4	<i>URUPÊS</i> E O SERTANEJO BRASILEIRO	19
4.1	O JECA TATU – ANTI-HERÓI.....	21
4.1.1	Um matuto do interior.....	22
4.2	CABOCLISMO NA PERSONAGEM JECA TATU.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

José Renato Monteiro Lobato, filho de um grande fazendeiro da cidade de Taubaté, no Vale do Paraíba, interior do Estado de São Paulo, entrou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco capital em 1904. Sua primeira obra, publicada em 1918 foi, alcunhada *Urupês*, e nela surgiu a personagem Jeca Tatu, representação do caipira brasileiro foco do estudo deste trabalho.

A figura do Jeca Tatu é o espelho do caboclo brasileiro, símbolo dos trabalhadores rurais, que, sendo submissos aos seus patrões, residiam em singelas casas devido à “preguiça” que os acompanhava. Sendo assim, Monteiro Lobato usa sua habilidade para descrever a realidade da época, descrita por Park (1999, p. 149), como capaz de “[...] criar repulsa, onde as mulheres são feias, têm incontáveis filhos, o Jeca tem vícios, fumando e bebendo em diferentes momentos durante a leitura”. Lobato também descreve a casa onde essas *personas* vivem; isto é, um lugar com total falta de comodidade e sem nenhuma individualidade. Condições que levam não só às doenças, mas também ao modo de vida problemático: o cigarro, a bebida, a sexualidade, a fecundidade.

O Jeca Tatu descrito por Lobato ainda é atual no nosso contexto social, no sentido de que o referido autor diferenciou-se de outros escritores de sua época, em alguns aspectos, uma vez que, o Jeca em questão possui certo domínio sobre o manuseio de máquinas agrícolas e sobre outras coisas que envolvem o seu trabalho; ainda, em alguns casos a prole da personagem tem estudo diferente do que foi apresentado no conto em que a família do Jeca vivia.

Neste trabalho, são abordados aspectos da vida de Monteiro Lobato com o intuito de apresentar a crítica feita à condição de vida do homem do campo, a descrição de como a vida campesina era na realidade e a possibilidade para o público pensar no Brasil e seus problemas por um novo ângulo.

Para tal abordagem, são utilizadas, como referencial teórico, três obras para embasar a análise, *A Literatura Infantil na Escola* de Regina Zilberman (2003), *Panorama Histórico Da Literatura Infantil/Juvenil* de Nelly Novaes Coelho (1985) e, por fim, o livro *De Lobato a Bojunga Reinadoes Renovadas* de Laura Sandroni (1987). A análise, por sua vez, concentra-se sobre o livro *Urupês* de Monteiro Lobato (1986).

Conforme o exposto acima, o presente trabalho enfatiza a vida da personagem Jeca Tatu e no decorrer da análise foi traçado um caminho delimitando pontos específicos de destaque na

obra de Lobato, iniciando a partir de um apanhado de sua vida e obra para dar sequência, logo depois, as suas obras e personagens de destaque na literatura brasileira.

Por fim, aborda-se a obra “*Urupês*” na qual Lobato descreveu quem foi o Jeca Tatu, o sertanejo Brasileiro, o anti-herói, o matuto do interior – objeto, do último tópico analisado: Caboclisto na Personagem Jeca Tatu.

2 MONTEIRO LOBATO: VIDA E OBRA

José Bento Monteiro Lobato é conhecido por ser precursor da literatura infantojuvenil brasileira, com destaque para a obra *Sítio do Pica-pau Amarelo*; ele é autor também de livros para o público adulto, escreveu em forma de defesa do Brasil, mostrando que a população tinha noção da grandiosidade e diversidade de nosso país.

O autor viveu entre os anos de 1882 e 1948 e apresentou a seus leitores questões sociais da época, fazendo parte do grupo de humanistas liberais de essências aristocráticas. Lobato nasceu em Taubaté, no Vale da Paraíba, filho de um grande fazendeiro, do interior do Estado de São Paulo, passou os primeiros anos de sua vida na fazenda de seu avô Visconde de Tremembé, empresário, político e dono de uma biblioteca particular.

Passado algum tempo, ele demonstrou a vontade de cursar a escola de Belas Artes, mas, por imposição do avô, cursou Direito. Lobato perdeu seus pais ainda muito jovem e ficou sob a guarda de seu avô; ele aprendera a ler, escrever e contar com sua mãe, teve um professor particular chamado Jovino Barbosa que deu continuidade e aprimoramento aos seus estudos.

Nos primeiros anos, como estudante, já escrevia pequenos contos para os jornaizinhos, parte do curso preparatório, curso este em que Lobato foi reprovado e voltou a Taubaté.

Escreveu, nesse período escolar, contos, como colaborador, para jornais *Pátria*, *H2s* e *O Guarany* sob o pseudônimo de Josben e Nhô Dito. Em dezembro de 1897, Lobato retornou a São Paulo e prestou exames para o curso preparatório, sendo aprovado. Ele deu prosseguimento e continuou escrevendo para jornais e nunca abandonou ou se manteve distante da literatura.

No período em que cursou a faculdade de Direito, somente para suprir o desejo de seu avô, Lobato vociferava em relação à decadência que se instaurava no Brasil, bem como apresentava soluções para acabar com problemas sanitários. Em uma de suas raras manifestações na faculdade, perante os colegas, relatou sua opinião e fez apontamentos em relação à justiça, à liberdade e à igualdade social. Azevedo, Camargo e Sacchetta (1997, p. 34) analisam as ideias do autor e afirmam que “[...] a regeneração da humanidade passava pela extinção da miséria, pela distribuição das classes e, mais do que isso, pela moralização da própria moral”.

Lobato, sendo um escritor que valorizava a realidade que o envolvia, mantinha a essência de seu público a ponto de não o considerar apenas como simples receptor, ele procurava com suas obras produzir e fazer com que esse processo de criação se multiplicasse cada vez mais a um público maior. O autor com sua literatura militante procurava alcançar um público extenso cada vez maior, apresentando a seus seguidores os problemas que rodeavam o país, fazendo, em cada obra, em cada linha, um convite para algo acerca de tantos acontecimentos existentes em seu país.

Azevedo, Camargo e Sacheta (1997, p.58) consideram que “Monteiro Lobato é, acima de tudo, arguto crítico social, um homem preocupado com os destinos de seu país”. a literatura dele, é a visão de mundo do autor da época brasileira em que tudo aconteceu”, isso pois, ele foi um participante desse momento de acontecimentos, desse período de mudanças no meio da industrialização dentre outras coisas.

Monteiro Lobato teve a ventura de se saber ser lido e querido por milhões de leitores. E disso teve testemunhas até o fim da vida, pelas demonstrações pessoais e pelas muitas cartas recebidas, com as mais afetuosas confissões de encantamento com o mundo que ele soube criar. Pode-se dizer, pois, que a aceitação de seus livros foi ampla e irrestrita, até o momento em que sua visão crítica do mundo foi-se tornando mais objetiva e, ao mesmo tempo, mais lúcida e feroz em relação à realidade de sua época” (NEVES,1995, p. 190)

Cabe destacar, para tanto, que o autor mencionado tornou-se um crítico, que veio, por meio de sua literatura, abordar, problemas nacionais que não eram levados em consideração ou melhor, levados a sério e por muitas vezes deixados de lado.

Logo depois de se formar, retornou ao Vale da Paraíba e ficou desgostoso com a recepção que lhe foi feita, uma vez que todas as boas vindas só aconteceram pelo fato de ele se formar doutor e ser neto do Visconde (AZEVEDO; CAMARGO; E SACCHETTA, 1997, pg. 30).

Em 1906, Monteiro Lobato ficou noivo de Maria da Pureza, com quem se casou e teve quatro filhos (Martha, Edgard, Guilherme e Ruth). Nesse momento, quando já tinha uma família constituída, o autor ambicionou um cargo público em Ribeirão Preto, cidade pela qual passou em viagem e reconheceu em franco desenvolvimento. Mesmo sendo neto do Visconde, que era politicamente influente, e sendo bacharel em Direito, não conseguiu inicialmente o cargo desejado. Com efeito, somente em 1907, Lobato foi nomeado promotor público.

Ele apresentava uma vontade grandiosa de querer mudar o mundo, fato esse que o levou a escrever tão dedicadamente a respeito dos problemas que a sociedade enfrentava, como se, com suas palavras, pudesse mudar o que ele considerava estar fora dos padrões de qualidade de

vida para um povo interiorano que precisava de um pouco mais da atenção dos governantes da época.

Lobato empenhou-se na luta constante em razão da descoberta e da conquista da brasilidade ou da nacionalidade; inicialmente, na área da Literatura, ele sentia a necessidade de quebrar barreiras, ir ao encontro de algo novo, quebrar o paradigma estabelecido há séculos, ou seja, tentava desmistificar o sistema de vida tradicional, ultrapassado, mas ainda existente, a visão e desejo do autor tomou forma com o passar do tempo.

Nesse cenário, um de seus principais méritos foi o modo de apresentar para o universo infantil discussões e temas atuais, que um dia foram pertencentes somente ao mundo dos adultos (SANDRONI, 1987). Compreende-se que a criança precisa passar por um ciclo natural na qual ela cresce e conclui seu ciclo de vida cultural que o autor entendia perfeitamente como tudo isso devia fluir, por isso ele criava suas histórias de uma forma mágica, abordando assuntos importantes.

Monteiro Lobato também permeava e vivia o meio político e esses ideais estavam presentes em todas as suas obras, desde a literatura para crianças até a para os adultos. Em seus trabalhos, o escritor queria implementar uma transformação através sobre os seus respectivos habitantes para então obter transformação em seu país. É possível destacar o autor como:

[...] alguém rebelde contra a estrutura oligárquica do poder vigente; nacionalista; cada vez mais preocupada com a miséria do povo e consciente de que a propriedade das elites dela dependia; adversário de ideias, crenças, valores – principalmente os da educação católica – que favorecessem a manutenção do *status quo*; vago defensor, em teoria, de ideias socializantes contra o obscurantismo autoritário do poder... (VASCONCELLOS, 1982 p. 35).

Entre 1927 a 1931, Lobato tentou implementar novas tecnologias na fazenda de seu avô, partindo para atividades diferenciadas, fazendo um movimento para que fosse feita a exploração do ferro e do petróleo. Em 1936, Monteiro Lobato denunciou uma ação estrangeira relacionada ao petróleo sob conivência do governo. Assim, Lobato, no livro *O Escândalo do Petróleo* (1936), bradou aos militares “se não ter petróleo é inanir-se economicamente, militarmente é suicidar-se. Ora, existe gente interna interessada em nosso suicídio como nação [...]” (AZEVEDO; CAMARGO; SACHETTA, 1997, p. 286).

Acontecimentos históricos manifestaram-se em diversas obras do autor, uma vez que ele não ficou alheio aos fatos de seu tempo. Lobato viveu em um período de acontecimentos diversos como, em 1929, a quebra da bolsa de valores de Nova York, que apresentou decorrências e atrasos para a economia mundial. Momento esse, quando o Brasil sofreu com a restrição da importação do café pelos Estados Unidos. Como se não bastasse a redução, houve

a suspensão de créditos e logo em sequência os débitos foram obrigados a ser liquidados, e, para conseguir manter o preço do café, milhões de sacas tiveram de ser queimadas.

Por volta de 1930, período de constante revolução, o país era comandado por Getúlio Dornelles Vargas que derrubou o presidente da República Velha, Washington Luís, no dia 3 de novembro do mesmo ano. Neste período de governo não estável, Getúlio Vargas traça seus objetivos tanto aos de direita quanto aos de esquerda, iniciando com isso uma turbulenta fragilidade social. Seguiu-se a isto a ditadura de Vargas, em que Lobato continuou a exercer sua cidadania, denunciando procedimentos ofensivos, gerando desconfortos aos governantes.

Em 1944, Getúlio Vargas sofre a queda, no caso perde seu cargo. Tudo isso acontece com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, frente uma forte rejeição aos regimes totalitários que permaneciam instaurados na Alemanha, na Itália e Japão, uma vez que estes não eram a favor dos regimes existentes.

Diante disso, vale considerar que o cenário histórico e cultural brasileiro que acompanhou a vivência de Monteiro Lobato influenciou sua formação e vida intelectual. De modo que, o autor cresceu vendo transformações no meio social político e econômico e tornou toda essa vivência um aprendizado para compreender o que se passava sobre sua realidade e, conseqüentemente, para assumir a busca por tudo que, dentro de seu entendimento, já era por direito seu e de sua nação.

E é nesse cenário, caracterizado nesta breve apresentação, que Lobato desenvolve suas convicções, pelas quais escreve sobre o caboclo como um parasita da terra. No entanto, adicionalmente, o autor esperava que as condições para este caboclo pudessem ser melhoradas e, com isso, pudesse haver a ele um futuro digno. Nesse sentido, acerca de perspectivas e possibilidades de melhora, o autor menciona em uma de suas brilhantes obras que: “[...] há mais horizontes, – sempre mais horizontes além do último horizonte” (LOBATO, 1959, p. 242).

Ressalta-se, com efeito, que o autor viveu em meio a transformações, problemas nacionalistas e por meio de suas obras procurou encontrar sua verdade. Esse empenho feito por Lobato na procura de tantas respostas está muito presente em suas obras infantis. Destaca-se, destarte, logo em seguida um panorama dessa descoberta e implementação de uma literatura infantil de cunho crítico e irreverente.

3 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA E LOBATO: SUAS PERSONAGENS CONSAGRADAS

Inicialmente, Lobato apresentou-se pré-modernista, principalmente por apresentar em suas obras duas características fundamentais: o regionalismo e a denúncia da realidade brasileira. Porém assumiu, por vezes, posições antimodernistas, quando criticou a pintura caricatural de Anita Malfatti, em artigo intitulado “Paranoia ou mistificação?” Lobato também manifestou-se contrário às ideias da Semana de Arte Moderna. E é a partir de 1915, que seus artigos aumentam-lhe a popularidade e o prestígio, com a publicação dos livros de contos *Urupês, Ideias de Jeca Tatu, Cidades Mortas e Negrinha*.

Autor, inovador, um observador da realidade que o rodeava, durante mais de trinta anos trocou indagações, dúvidas e ideias com seu amigo Godofredo Rangel, comparando as realidades locais brasileiras com a realidade que havia conhecido em suas viagens ao exterior. Em uma das cartas para Rangel, Lobato relatava seu desejo de escrever para crianças. Nessa carta, o autor diz: [...] “De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo” (LOBATO, 1964, p. 292-293).

Por volta de 1916, o autor já apresentava sua preocupação com os livros de leitura para crianças. Ele conduziu o interesse de fazer com que as crianças refletissem sobre problemas reais da sociedade, não as tratando como “pequenos adultos” e, ao mesmo, tempo, não as infantilizando em demasia. Em outra carta ao amigo Rangel de oito de setembro de 1916, Lobato diz:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral, traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar as coisas. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Amais tarde só poderei dar-lhes o Coração de Amics – um livro tendente a formar italianinhos [...] (sic.) (LOBATO, 1964, p. 104).

Cavalheiro (1956), biógrafo de Lobato, citado por Bignotto (1999, p. 76 grifos do autor), descreve uma tarde de jogo de xadrez com Toledo Malta na Editora, relatando uma breve história sobre um peixinho que morrera afogado.

Certa tarde, na Editora joga xadrez com Toledo Malta, quando no intervalo entre dois lances, este lhe conta a história de um peixinho que por haver passado um tempo fora d'água "desaprendera a nadar", e de volta ao rio afogara-se, "Perdi a partida de xadrez naquele dia, talvez menos pela perícia do jogo do Malta do que por causa do peixinho, O tal peixinho pusera-se a nadar em minha imaginação, e quando Malta saiu, fui para a mesa e escrevi a "História do Peixinho que Morreu Afogado" -coisa curta do tamanho do peixinho, publiquei isso logo depois, não sei onde, depois veio-me a ideia de dar maior desenvolvimento à história, e ao fazê-lo acudiram-me cenas da roça, onde eu havia passado a minha meninice.

Não se sabe se existe um registro sobre tal publicação, muito menos um esboço ou cópia do texto. O autor, ao relatar tal historinha, volta ao tempo de criança em que já havia criado sua obra infantil junto de suas irmãs, quando brincava com um sabugo de milho e uma boneca de pano, brinquedos que eram de fácil acesso em sua época. Ao que parece neste ponto nasceu o que mais tarde seria uma das obras mais conhecidas, *o Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Cavalheiro (1956) observa que a saga infantil teria dado início em 1920, tendo como primeira publicação “*A menina do Narizinho Arrebitado*”. Essas aventuras desenrolaram-se por cerca de vinte e oito anos, até pouco antes de sua morte, em 1948.

Pereira (2018) considera que a Literatura infantil praticamente não existia no Brasil antes de Lobato. Alguns escritores extraíam dos velhos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando frequentemente as lendas e as tradições brasileiras, considerando apenas as tradições europeias em suas histórias. Havia pouca ou nenhuma originalidade e, de mesmo modo poucas traduções, o que levava Lobato a crer que tratava-se de uma oportunidade empreendedora sobre a renovação da Literatura Infantil brasileira.

Por volta de 1920, foram publicados na *Revista do Brasil* (SP) alguns dos fragmentos da estória de “*Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado*”. Logo depois, a editora Monteiro Lobato & Cia, também publicou um belo volume de 43 páginas. Lobato fez sucesso entre os pequenos leitores sem dúvida, pois fazia com que eles se sentissem parte da história uma vez que ele escrevia e abordava assuntos que eram parte do cotidiano das crianças. Ademais, o autor abordava o maravilhoso e o mágico, pertencente a vida do público infantil na mais absoluta naturalidade, bem como não criava um mundo impossível onde as histórias eram perfeitas, sem conflitos, sem desafetos (COELHO, 1985 pg.186).

Merz *et. al.* (1996) fazem uma relação das obras publicadas por Monteiro Lobato, entre 1945 e 1946 ele organizou suas *Obras Completas*, e nelas incluiu 22 histórias do Sítio: *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao Céu*, *O Saci*, *Caçadas de Pedrinho*, *Aventuras de Hans Staden*, *História do mundo para crianças*, *Memórias da Emília*, *Peter Pan*, *Emília no país da gramática*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *Serões de Dona Benta*, *História das Invenções*, *Dom Quixote das crianças*, *O poço do Visconde*, *Histórias de Tia Nastácia*, *O Picapau Amarelo*, *A reforma da Natureza*, *O minotauro*. *A chave do tamanho*, *Fábulas*, *Os doze trabalhos de Hércules*. Em 1959, em um volume póstumo, *Histórias Diversas*, reunira-se 134 contos que Lobato havia escrito entre 1947 e 1948 e que foram publicados ao mesmo tempo no Brasil, pela editora Brasiliense, e na Argentina, pela Editorial Codex.

Merz *et. al.* (1996) ainda relatam que o volume *Reinações de Narizinho* inclui histórias curtas que foram publicadas durante os anos 1920 e começo dos anos 1930: *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), *Fábulas de Narizinho* (1921), *O Marquês de Rabicó*, *Fábulas* (1922), *A Caçada da Onça* (1924), *O Noivado de Narizinho*, *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Felix*, *Cara de Comia* (1928), *O Irmão de Pinocchio*, *O Circo de Escavalinho* (1929), *Pena de Papagaio* (1931), *O Pó de Pirlimpimpim* (1931).

Lobato assumiu um papel visionário pois “[...] aposta na inteligência de seu leitor. Sem pedagogismos ou moralismos, inaugura um novo percurso nos caminhos da produção literária, orientada para crianças e jovens, instigando o pensamento autônomo” (PEREIRA, 2018, p. 5).

Em 1926, o desejo de Lobato sucedeu como se fosse uma profecia, seus livros já estavam sendo traduzidos no Exterior (Alemanha, Argentina, Espanha, França, Síria ...), sendo entendidos e sentidos por crianças não brasileiras. Com isso ressalta-se que Lobato conseguiu fixar o *nacional*, em sua essência humana. Nos anos 1950, como o costume de leitura como fonte de lazer estava quase em desuso – acontecimento este gerado pelo número crescente de histórias em quadrinhos e da televisão – criação Lobatiana conhece uma nova fase (COELHO, 1985).

Em 1952, na *TV Tupy SP*. Paulo, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky iniciam, a série teleteatro *O Sítio do Picapau Amarelo*, que por anos encantou crianças e adultos. Nesse contexto, os novos tempos deram mais uma vez vida ao costume de leitura e ao mundo criado por Lobato, uma vez que, frequentemente, as crianças e os jovens ficavam fascinados pelo espetáculo televisivo e, em seguida, iam ao encontro dos livros (COELHO, 1985).

Coelho (1985, p. 188) ressalta, ainda, que, apesar do novo meio de comunicação, a criação de Lobato, antes guardava a “essencialidade ou fidelidade”, e neste ponto, teve sua alma desconstruída, tornando-se “puro espetáculo de exterioridades” com “cores, falas, música,

movimentação” dirigidos aos olhos, relegando em último plano o “espírito e a mente das crianças”.

De toda forma, a divulgação midiática da narrativas de Lobato serviu para eternizar seu componente fundamental de sua produção; a orientação ao público infantil. Seja em suas narrativas aventurescas ou nas suas adaptações, havia personagens que nasciam na imaginação de Lobato ou viviam na memória dos tempos (como o Visconde de Sabugosa e a Boneca de Pano Emília) e, mesmo quando traduzia, sentia como uma atividade fascinante a possibilidade de tornar obras estrangeiras acessíveis às crianças brasileiras.

Os personagens supracitados constituem a narrativa mais icônica de Lobato – o *Sítio do Picapau Amarelo*, Sandroni (1987) descreve as personagens em suas particularidades:

- Dona Benta: proprietária do sítio, principal figura adulta da narrativa, com mais de 60 anos e cesta de costura no colo, com óculos na ponta do nariz.
- Tia Anastácia: cozinheira e faz tudo da casa, negra de estimação, que cuidava de Lúcia (Narizinho Arrebitado) quando pequena.
- Lúcia (Narizinho): tem 7 anos, morena jambo, gosta de pipoca e sabe fazer bolinhos.
- Emília: boneca de pano bastante desajeitada de corpo.
- Rabicó: leitão guloso.
- Pedrinho: neto de D. Benta que morava na cidade e nas primeiras histórias, só passava as férias no sítio.
- Visconde de Sabugosa: respeitável, com cartola na cabeça e sinal de coroa na testa.
- Burro faltante.
- Rinoceronte e outros.

Todos as personagens tinham alguma representatividade. Como a Dona Benta detinha o conhecimento, era responsável por fornecer as informações científicas; já a Tia Nastácia representava o povo, com sabedoria intuitiva; Narizinho e Pedrinho representam todas as crianças do mundo, abertos a todas as novas descobertas; Rabicó servia para Lobato apresentar a dicotomia entre o bem e o mal, pois apesar de mau caráter não era menos querido; e Emília, a boneca de pano, alguns autores a entendem como o *alter ego* de Lobato, livre de obrigações sociais impostas pela educação às crianças (SANDRONI, 1987).

Bignotto (1999, p. 86) fala de Emília, Rabicó e Visconde de Sabugosa como personificações da imaginação infantil, de modo que, “[...] a análise do relacionamento das crianças com essas criaturas poderá proporcionar uma visão mais clara do papel da imaginação no desenrolar das aventuras e, simbolicamente, na formação das crianças”.

Penteadó (1997, p. 179) avalia que a obra literária infantil de Monteiro Lobato:

[...]abrange quase a totalidade dos gêneros que os especialistas desenvolveram como instrumento classificatório para a ficção infantil: contos literários. Fantasia épica realismo encantado, histórias de magia, fantasias de animais, viagens ao passado, ficção científica. Histórias de humor e anedotas, fantasia sobre fantasias, histórias de

bonecas, fantasia baseada em folclore, fantasia baseada em lendas e mitos e, possivelmente, outros mais, como a sátira política ou a crítica social. A única categoria em que não se enquadra a obra infantil de Lobato parece ser a de "histórias de fantasmas".

Bignotto (1999) afirma ainda que Monteiro Lobato continua sendo o maior escritor para crianças do Brasil, já que a quase totalidade dos escritores contemporâneos o consideram o autor de suas infâncias e a maior influência em seus trabalhos. A obra lobatiana continua a ser estudada e a conclusão dos teóricos é que o distanciamento crítico só leva à constatação de sua permanência e eterna atualidade.

Tal atualidade é presente na obra *Urupês*, em que Lobato percorreu por meio de sua escrita, um caminho pela criticidade que aborda a forma de vida do Jeca Tatu, caboclo interiorano e que mostra outra esfera social. O capítulo a seguir traz um panorama do Sertanejo Brasileiro, sob à ótica de Monteiro Lobato, o qual apresentando a seus leitores como era a vida dos indivíduos esquecidos pela sociedade.

4 URUPÊS E O SERTANEJO BRASILEIRO

Monteiro Lobato lança o livro *Urupês* em 1918, e com ele alcança um sucesso fulminante, que o deixa no patamar de escrita vanguardista. O livro é composto por 14 contos, todos mantendo o foco especial sobre a figura do caboclo, apresentando ao leitor uma série de críticas referentes à sociedade da época, relatando questões de saúde e meios de vida desproporcionais. Lobato assume um papel de constante desconforto com a realidade e, por meio de suas vivências, buscou a solução de inúmeros conflitos na produção literária.

Com suas obras, Lobato torna público seu repúdio para com os problemas nacionais existentes, que eram tachados como folclóricos, inexistentes e por diversas vezes deixados de lado. A obra *Urupês* ganhou destaque pois, além de tratar de assuntos nacionais, também alcançava todo tipo de público.

Lobato descreve o Jeca Tatu da forma como ele era e vivia, bem como descreve o fato de que essa personagem não tinha acesso a médicos postos de saúde, sendo assim, a única solução era fazer seus próprios remédios caseiros, benzeduras, dentre outras coisas possíveis e acessíveis na época e na região onde morava. Tudo na obra gira em torno da precariedade, desde as casas onde moravam as personagens até a alimentação e a higiene (LOBATO, 1986 grifos meus).

O autor dá o título a obra de *Urupês*, pois segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, tal palavra indica um tipo de fungo encontrado na madeira orelha de pau, fungo, pironga, um cogumelo parasita. Essa definição vai ao encontro ao artigo *Velha Praga*, em que o autor faz uso de analogias em suas obras dando nomes que serviam como fios condutores. Em outras palavras, ele criava nomes que pudesse reutilizar depois ou dar sentido a outras criações.

Assim como *Urupês*, também foi utilizada outra obra de Lobato para enfatizar a essência agrícola, *Cidades Mortas* (1906), que retrata como eram as cidades da região do Vale do Paraíba, região essa que vivia um momento de produção grandiosa de café. A história então aconteceu no período áureo cafeeiro, produto esse que foi base de sustento da população até o século XX:

Na segunda metade do século XIX, a economia cafeeira vivia em situação bem favorável, com a expansão das plantações, aumento da produção e de preços no mercado internacional. [...] Como consequência desta conjuntura favorável ocorreu rápido crescimento da produção brasileira de café, ocasionando a superprodução. Este

problema manifestou-se desde o final do século XIX. Em 1882, a produção ultrapassou o consumo mundial. A partir de então os cafeicultores e empresários ligados ao comércio começaram a articular uma política de defesa do setor cafeeiro. O café havia se tornado o maior produto de exportação e o Brasil controlava quase que a totalidade da produção mundial (TOLEDO, 2008, p. 120).

Campos (1986, p. 11) relata que nos textos de *Cidades Mortas*, Lobato se dedicou a escrever sobre o que de fato acontecia na região do Vale do Paraíba e por mais que fosse uma produção de cunho regionalista, os temas ali abordados por Lobato representaram preocupações nacionais de forma geral.

Lobato (1978) é sarcástico, ao mencionar que nessas regiões devastadas por conta da vasta produção do café, os únicos perturbadores do silêncio são o raspar das enxadas, os sons coloniais como os sinos das igrejas, as andorinhas e os carros de boi.

Em *Urupês*, Lobato apresenta o cotidiano do caboclo, homem do interior, de uma forma depreciativa; tal especificidade vai ao encontro certo às outras personagens que contemplam o livro de contos do ciclo cultural do caboclo, as quais o autor descreve em sua obra. Por meio de tais personagens e cenários da obra, ele abordou os pontos que eram mais pertinentes: a política do país, a forma de sobrevivência, a troca de experiência com a terra, o conduzir de sua família sua moradia suas crenças.

Monteiro Lobato enfatiza, nesta obra o caboclo que vive longe de todo tipo de modernidade ou redirecionamento político e educacional, tudo que, de uma maneira ou outra, envolvia a cultura cabocla do Vale do Paraíba

Em *Urupês*, Lobato descreve como era a vida do caboclo interiorano. Com seu olhar visionário o autor desejava progredir e almejava uma sociedade civilizada; dentro da perspectiva do autor, esse progresso era impedido em função de tal personagem caracterizado como Jeca Tatu, com uma grande quantidade negativa onde se via incapaz de acompanhar o progresso. O Jeca, então, bem como os demais caboclos presentes nos 14 contos, representa um sistema político falho, onde a população do interior é esquecida não tendo escolarização, acesso a médicos, alimentos de qualidade e uma vida digna.

Tais condições de vida, Lobato descreve com a visão direcionada à personagem Jeca Tatu, em que é notável o círculo de desleixo: se a personagem trata a terra com mínimos conhecimentos é porque foi assim que aprendeu, se fica contente com sua moradia simples, sem comodidade alguma, é porque a realidade que lhe foi apresentada foi somente essa; e é assim que sua prole segue também na miséria, sem ser parte de uma nação civilizada.

4.1 O JECA TATU – ANTI-HERÓI

Para dar prosseguimento a esta pesquisa, apresenta-se a personagem Jeca Tatu, contemplando em linhas gerais sua gênese. O autor cria o personagem Jeca Tatu descrevendo como ele era na realidade, representando o homem do sertão, abrindo a possibilidade de pensar mais a fundo sobre as questões e problemas do nosso Brasil. Partindo das críticas feitas por Monteiro Lobato, nota-se que o Jeca Tatu é a denúncia do descaso do governo da época com relação às pessoas da zona rural, o homem de barba rala, ignorante sem hábitos de higiene, tendo um modo de vida displicente.

Monteiro Lobato descreve essa personagem como um ser inerte, sem perspectiva de vida sem condições de crescer. Com base nos apontamentos feitos pelo autor, é de grande importância compreender suas convicções, no que diz respeito ao homem do sertão e no que diz respeito às respectivas pragas que rodeiam o caboclo. A personagem Jeca Tatu é a representação do caboclo brasileiro. Em específico, representa os trabalhadores rurais, que tinham suas vidas esquecidas em prol de servir a seus patrões. Moravam em casas simples devido à “preguiça” que tinham, bem como devido à resistência que tinham a qualquer mudança. (MARTINELLI, 2011, p. 19).

O nome “Jeca Tatu” nasce a partir de uma conversa que, quando criança, manteve com uma velhinha que morava à beira da estrada, no caminho que dava acesso à fazenda Paraíso. Em outro momento da pesquisa será apresentada a descrição de como se deu o “nascimento” de Jeca Tatu.

Segundo Machado (1993), o processo de idealização dessa personagem vem ao encontro da modernização que Lobato desejou fazer em sua fazenda. Contudo, Lobato depara-se com um obstáculo: o caboclo que, não tinha noção de técnicas modernas de fertilização da terra, muito menos como tratar o solo de uma forma adequada para o cultivo. Em 1918, “[...] quando ocorrem as queimadas em suas matas, provocadas, meses a fio, pelos seus agregados” (MACHADO, 1993, p. 53), Lobato escreve para o jornal O Estado de São Paulo, um artigo que intitulou de *A Velha Praga*, artigo este que posteriormente obteve muita repercussão e fora transcrito em outros jornais (LOBATO, 1951, p.10), no qual aparece pela primeira vez uma descrição perfeita do homem do sertão brasileiro:

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive a beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. A medida que o progresso vem chegando com a via a férrea, o italiano, o

arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não se adaptar. (LOBATO, 1976, p. 141 grifos do autor).

Nesse trecho Lobato descreve como de fato ele via o caboclo. Em outros momentos também é possível encontrá-lo em alguns contos, o Jeca passa a ser Urunduva, no conto Bucólica:

Outra casinha, lá longe. É a toca do Urunduva, caboclo maleiteiro. Este diabo tem no sítio a coisa mais bela da zona, a paineira grande. Dirijo-me para lá. Um carreirinho entre roças, a pinguela, um valo a saltar... Ei-lá! Que maravilha! (LOBATO, 1976, p. 87)

Jeca Tatu também é Nunes, em *A vingança da Peroba*,

Já o Nunes pobre Nunes! Não punha na terra nem um alqueire de semente. Teve égua, mas barganhou-a por um capadete e uma espingarda velha. Comido o porquinho, sobrou do negócio o caco da pica pau, dum cano só e manhosa de tardar fogo (LOBATO, 1986, p. 88).

É sucinta sua descrição e para distingui-lo só precisava dar atenção ao que rodeava. Jeca Tatu foi reescrito diversas vezes como mencionou-se acima, não é exagero dizer que Lobato delimitou com sua escrita o símbolo do nosso caipira brasileiro, a descrição e a análise do tipo humano característico.

4.1.1 Um matuto do interior

Monteiro Lobato torna pública uma de suas vivências ao escrever o livro *Urupês*, descrevendo os acontecimentos que envolviam a personagem Jeca Tatu, dando fim ao indianismo “romântico da literatura regional” (AZEVEDO; CAMARGOS, SACHETTA 1997, p. 58). Marcando suas convicções literárias, Lobato menciona que:

A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma “entrada”, a novidade do cenário embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romântico já cristalizado. (LOBATO, 1951, p. 364).

Lobato, por estar à frente de seu tempo, expressa em suas obras, um fio condutor de ideias diferenciado, uma vez que abdica do Romantismo em sua escrita e apresenta um período de transição entre o Realismo, o Naturalismo e as correntes do Pré-Modernismo. Em sua obra, descreve o caboclo de outra forma, percebendo no dia a dia como era a vida do homem do

campo e, a partir disso, analisa de perto a relação de convívio entre eles. Por estar presente nas vivências do caboclo, Lobato, por sua vez, sabia como funcionava sua família no geral, por fazer parte de tudo isso descreve, em *Urupês* (1976, p. 141), o seguinte:

Chega silenciosamente, ele e a “sarcopata” femea esta com um filho no útero, outro ao peito, outro de sete anos de aurela da saia da mãe – este já de pitinho na boca e faca na cinta. Completam o rancho um cachorro sarnento – Brinquinho, a foice, a enxada, a picapau, o pilãzinho de sal, a panela de barro, um santo, encardido, três galinhas pevas e um galo índico. Com estes simples ingredientes, o fazedor de sapezinhos perpetua a espécie e a obra de estilização indicada com os remotíssimos avós (sic).

Cabe neste trecho uma breve explicação sobre a forma que Monteiro Lobato escrevia e pensava. Segundo um estudo encontrado nas páginas iniciais do Livro *Urupês* (1986), em uma nota sobre a ortografia de Lobato feita por meio de entrevista com editores, “Monteiro Lobato pensa em tudo por si próprio”. Muito antes de oficializada a atual ortografia, já ele tinha reagido contra a etimológica – e no excerto mencionado o autor reage contra os acentos. Na entrevista faz-se o uso da palavra ojeriza, para tal atitude tomada pelo autor e ele interpela dizendo que:

- “Não é ojeriza. É o horror que eu tenho a imbecilidade humana sob qualquer forma que se apresente. Há uma lei natural que orienta a evolução de todas as línguas: a lei do menor esforço. Se eu posso dizer isto com o esforço de um quilômetro, por que dizê-lo com o esforço de dois? [...] (LOBATO, 1986).

Perante essa explicação, vale destacar que no fragmento anterior em que, Lobato descreve a personagem do interior, o Jeca, como era de fato; isto é, um ser desprovido de muitas coisas, diferente da visão de José de Alencar que, à luz do indianismo, tão forte no Romantismo, apresentava o índio como ser descrito adequado perante a sociedade da época, apontando a mestiçagem do índio com o branco como um componente para a geração de uma nação forte. A essa altura, Lobato distingue-se de outros autores, mantendo um posicionamento diferente do indianista. Na obra *Urupês* o autor narra como era de fato sua personagem:

Morre Peri, incomparável idealização dum homem natural como a sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d’alma e corpo. Contrapõe-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, ângulo e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira como incapaz de moralmente de amar Ceci. (LOBATO, 1986, p. 145).

Lobato, diferentemente de Alencar, descreve uma personagem que não dispunha de muita afinidade com o trabalho, pelo fato de ter uma alimentação fraca de nutrientes necessários para seu desenvolvimento. O autor menciona a visão contrária da mestiçagem de Alencar, sendo assim Lobato afirma que a mistura de raças gera um tipo fraco, isto é, o caboclo; ou, como nas

palavras do autor, um ser “desprovido de força física, e bastante propenso à preguiça. Acomoda-se ao que possuía e não achava necessário encontrar soluções para tornar tudo melhor, no que diz respeito a parte física e mental (LOBATO, 1986, p. 148). É possível verificar e atestar o conteúdo do trecho citado logo acima, por meio de um outro excerto mencionado em *Urupês* (1986, p. 148), no qual, o autor fala sobre o banco que o caboclo utilizava para dar assento às visitas; o motivo de destacar o banco, objeto em questão, é pelo fato de ele ter somente três pernas, sendo assim, o caboclo o encosta na parede para servir de apoio já que faltava a quarta perna.

Às vezes se dá ao luxo de um banquinho de três pernas, para os hospedes. Três pernas permitem equilíbrio; inútil, portanto, meter a quarta, o que ainda o obrigaria a nivelar o chão. Para que assentos, se a natureza os dotou de sólidos, rachados calcanhares sobre os quais se sentam? (LOBATO 1986, p. 149).

Um objeto tão simples ganha tanto destaque por simplesmente ilustrar de maneira alegórica a visão de vida do caboclo e sua forma de lidar com as coisas. Soma-se a essa alegoria, todas as demais adversidades, como a sua base histórica, sua base de alimentação, o aumento de sua família dentre tantas outras coisas que Lobato descreve sobre a vida do Jeca Tatu.

O Jeca descrito por Lobato também não tinha um envolvimento com questões políticas de sua época, isso é comprovado no fragmento do livro *Urupês* em que Lobato fala que o Jeca cumpria com sua obrigação ao voto, sem ao menos ter noção de quem era seu candidato, sem considerar suas propostas, dando seu voto e depositando sua segurança a um qualquer.

O fato mais importante de sua vida é sem dúvida votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa preta do casamento, sarjão furadinho de traça e todo vincado de dobras; entala os pés num alentado sapatão de bezerro; ata ao pescoço um colarinho de bico e, sem gravata, ringindo e mancando, vai pegar o diploma de eleitor às mãos do chefe Coisada, que lho retém para maior garantia da fidelidade partidária. Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhol de gatafundos a que chama “sua graça”.

Vale considerar a posição da personagem em relação ao voto como outro componente pertinente à caracterização do estereótipo do homem rústico. Na obra de Lobato, o Jeca devota a confiança do voto exclusivamente à indicação do padrão e, para tanto, abstém-se de qualquer outra motivação política que possa defender seus interesses. Mais uma vez, o matuto do interior comprovava que era inapto a fazer parte da evolução e progresso assim, Lobato o descreve-o;

Vem Floriano; estouram as granadas de Custodio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo Nada o esperta. Nenhuma ferroteada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jéca, antes de agir, acocora-se. (LOBATO 1986, p. 147)

Lobato mais tarde faz uma denúncia referente aos problemas vividos no interior, em especial, com o caboclo e sua família. Em *Problema Vital*, é que ele descreve “[...] a inteligência do amarelado atrofia-se, e a triste criatura vira um saturo urupês humano, incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso” (LOBATO, 1972b, p. 128). Lobato não faz críticas à postura individual do caboclo, mas também se refere à posição do governo no que diz respeito aos problemas encontrados na sociedade, em especial, ao homem do campo. O Jeca Tatu, personagem foco deste trabalho, é descrito por Lobato como um homem malvestido e preguiçoso, mas, isto não era por assim querer que fosse e sim por ser um homem pobre e doente e, se vivia nessas condições, não possuía um meio de trabalho. Lobato fica inseguro ao fato de o Jeca ser tão pobre em tudo e não ter vontade de fazer algo em relação a isso. Sendo assim, o autor apresenta uma resolução que explica tal problema, à medida que sugere que o Jeca em questão não era assim, homem sem perspectiva de vida, sem força sem vontade, Lobato afirma que ele estava assim e o motivo de tudo isso era que: por ser doente era pobre porque era doente, e não por simples comodidade. Sendo o Jeca um homem doente tinha com ele a falta de vontade de trabalhar, já que não tinha forças, então ter chances de adquirir alguma coisa na vida que levava era nula e quase impossível.

4.2 CABOCLISMO NA PERSONAGEM JECA TATU

Ao retratar o caboclo, Lobato fala dele como uma praga, um ser ignorante que não foi alcançado pela modernidade, “inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças” (LOBATO, 1994, p. 3). Ainda das palavras do autor:

Jeca Tatu é um Piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie. Ei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender entres os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada de d’esquicho, é sentar-se jeitosamente, sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência.

-“Não vê que ...

De pé ou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para “aqueotá-lo”, imitado da mulher e da prole (LOBATO, 1994, p. 3).

Ele era, na realidade, o homem do sertão, de barba rala, ignorante, sem hábitos de higiene, tendo um modo de vida displicente, homem para o qual não existia diálogo, não há pena para o incendiário

-E agora? Que fazer? Processá-lo?

Não há recurso legal contra ele. A única pena possível, barata, fácil e já estabelecida como praxe, é “tocá-lo”.

Curioso este preceito: “ao caboclo, toca-se” (LOBATO, 1986, p. 143).

O nome Jeca Tatu nasce a partir de uma conversa que, quando criança, manteve com uma velhinha que morava a beira da estrada, no caminho da fazenda “Buquira” é ali que o autor dá vida a sua personagem Jeca Tatu.

Esta velhinha falava muito de seu neto que se chamava Jeca, pelo qual tinha uma admiração incondicional. Lobato pediu para conhece-lo. Um dia ela o levou à fazenda e foi uma decepção: “Um bichinho feio, magriço, barrigudo, arisco, desconfiado, sem jeito, algo horrível.” Daí originou-se o nome Jeca Peroba. Um dia, um capataz, de sua fazenda veio lhe anunciar que uns tatus estavam estragando a roça. Ao ouvir falar de tatu, rebatizou sua personagem, criando o famosíssimo Jeca Tatu (MACHADO, 1993, p. 48).

Lobato nos mostra com sua personagem, Jeca Tatu, que estava muito à frente da época em que viveu, à medida que deixou de lado muito do que outros autores prezavam; o romantismo foi um deles, no sentido de que Lobato passou a escrever a realidade que via e como de fato eram as coisas.

O Jeca é retratado como a própria degradação. Além de Lobato descrevê-lo como homem rude, sempre de cócoras, sujo e aos farrapos, descreve-o rodeado de muita pobreza, criticado, por não ter estratégias de sobrevivência e nenhuma expectativa de melhorar a sua vida. O Jeca está acostumado a viver de forma em que vive, como o próprio Lobato descreve (1976, p. 144):

Calcula as sementeiras pelo máximo de sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. “Dando para passar fome”, sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro – está tudo muito bem; assim fez o pai, o avô; assim o fará a prole empanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro. (LOBATO, 1976, p. 144)

Na visão de Lobato, o caboclo não possuía força muito menos vontade e conhecimentos para trabalhar e mantinha um pensamento de que as coisas iriam acontecer sem ele realizar qualquer tipo de esforço. “Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço – e nisto vai longe”. (LOBATO, 1976, p. 148).

Nas cartas que trocava com Godofredo Rangel, que lhe serviu de conselheiro por diversas vezes, ele comentou sua inquietação e discordância com o comportamento dos

indivíduos demarcando bem as “truculências” que seus empregados efetuavam nas terras onde viviam. Com isso Lobato começa a discorrer algo que chegue a soar como uma denúncia de fato:

Não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma ideia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontâneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinhas, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no besouro o piolho-de-besouro – espécies incapazes de viver em outros meios. O caboclo, piolho-de-serra, também é incapaz de outra piolhagem que não a da serra. Já te escrevi sobre isto; e se a ideia volta e insiste, é que de fato está se gestando bem vivinha e será parida no tempo próprio (LOBATO, 1951, p. 362).

Lobato, ao descrever as vivências do Jeca Tatu, evidencia como era a vida da população brasileira em função de trabalho, vivência situada no contexto de um país que cada vez mais exigia força de trabalho de pessoas como o Jeca; essa era, para Lobato, “[...] o próprio Brasil que os intelectuais não enxergam por estarem com os ‘olhos vendados” (MACHADO, 1993, p. 103).

Com isso é possível ver que a personagem do Jeca Tatu é nada mais nada menos que a o retrato de um segmento social do Brasil que abrange os problemas sociais dos brasileiros que constituem tal segmento. Lobato não está só falando da vida do Jeca em sua obra, mas sim de grande parte dos habitantes do país. De modo que, a caracterização das personagens pode ser aproximada ao perfil de muitos brasileiros. Ora, basta considerar que muitos brasileiros votam em candidatos por um trocado qualquer. O Jeca aqui apresentando é a personificação dos indivíduos que não tiveram uma escolarização adequada de qualidade, e a culpa não foi somente do indivíduo, seja ele o caipira do meio rural ou o indivíduo do meio urbano, quem deve dar uma educação, saúde de qualidade e perspectiva de vida é o governo atuante.

Lobato manifesta sua indignação com o mundo como o conheceu com o passar dos tempos; ele queria então implementar tudo que viu, queria que desse tão certo quanto dava nos outros países, queria fazer revolução nas terras que foram dadas por seu avô por meio de herança, mas no país onde ele vivia não foi possível. Ao se deparar com o caipira, ele atesta que vive em uma sociedade falha, onde plano algum de governo é executado com sucesso. O autor menciona que o Jeca se contenta em viver apenas do que a natureza dá, de modo que não poderia ser diferente já que ele não aprendeu de outra forma, assim fizeram seu pai e sua mãe, assim ele fez e tudo que aprendeu ensinou a sua prole, mais uma vez os atos do Jeca comprovam uma sociedade atrasada, falha, onde só os senhores tinham como aprender um pouco mais e assim explorar quem sabia menos, explorar é a forma mais exata de falar sobre tudo isso, já que os problemas que o Jeca apresenta são de âmbito nacional.

Como descrito em outro momento do trabalho aqui apresentado, Jeca Tatu tornou-se um símbolo, pelo fato de englobar tantos problemas referentes a sua época. O caboclo absorveu todos problemas de uma época preenchida de descaso com as famílias interioranas. Destarte, Lobato, ao descrever o Jeca, enriquece sua crítica e dá mais vida ainda a personagem e aos problemas que ela vivia, problemas de cunho nacional que de certa forma ainda se fazem presentes no nosso meio social; passaram-se anos da publicação de *Velha Praga* e *Urupês*, mas o Jeca Tatu ainda vive e agora ele não está somente no meio rural agora ele é e vive o meio urbano mais próximo ainda dos senhores de posse.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Monteiro Lobato desenvolve sua escrita adulta por uma trajetória de criticidade. Em sua obra *Urupês*, a qual foi tema deste trabalho, o autor apresentou como a vida no Brasil e a vida em outros países, os quais ele teve o privilégio de conhecer e que só vieram a enriquecer seu processo visionário de escrita. Lobato, na referida obra, apresenta a seus leitores diferentes manifestações do homem do campo.

Lobato torna pública mais uma de suas vivências no momento em que escreveu o livro *Urupês*, deixando de lado o indianismo romântico que existia na literatura regional. O autor era um homem a frente de seu tempo, abdicou do romantismo que era norte de muitos escritores de sua época e apresentou em sua escrita um período de transição entre o Realismo e o Naturalismo.

Com as manifestações de Pré-Modernista, Lobato apresentou em sua obra *Urupês* o caboclo por outro ponto de vista, tudo isso foi possível, como já relatado nas abordagens feitas anteriormente nesse trabalho, pelo fato de Monteiro Lobato ter aprendido com suas vivências com o caboclo, o que foi essencial para que ele pudesse transmitir a seu leitor o que se passava de fato com o homem do campo.

Nesse sentido, na obra de Lobato, Jeca Tatu mostra-se um ser desprovido de muitos bens, diferente da visão do caboclo/índio que José de Alencar tinha com o indianismo, na qual, apresentava-se um indivíduo natural, adequado perante a sociedade; visão que justificava que a mistura do índio com o branco teria produzido como uma geração forte. A esse respeito, vale destacar que Lobato relatou seu posicionamento sobre a mestiçagem, e que, diferente da opinião de José de Alencar, a mistura de raças tinha como resultado um ser imperfeito, uma raça fraca.

Além de ser desprovido de forças físicas, o caboclo, descrito por Lobato, também não tinha envolvimento com questões políticas, uma vez que a personagem em questão vivia no interior, conhecendo apenas o que lhe rodeava. Desse modo, não sabendo como eram as coisas na capital, esses homens e mulheres rústicos não faziam parte da sociedade de sua época.

Por consequência disso, no meio político, Lobato descreve que o Jeca só cumpria com sua obrigação de voto, pois não tinha noção nem ao menos de quem era seu candidato, quais eram suas propostas, quais eram as possibilidades uma mudança no seu meio de vida com determinado candidato ou com determinado projeto político. Essa alienação política da personagem do caboclo, sob a figura do Jeca, ocorria pelo fato de que seu patrão detinha sua

carta de eleitor, sendo o voto do caboclo determinado pela indicação de sua chefia. Nesse contexto, dentro do imaginário caboclo, a indicação eleitoral feita pelo patrão era sempre correta e, portanto, inquestionável.

O caboclo em questão também não tivera escolaridade alguma para esclarecer pontos específicos da vida política e das relações de poder, os quais permitissem que ele pudesse ter uma opinião formada sobre os fatores que perpassavam sua realidade. Lobato apresenta neste momento uma sociedade falha e um plano de governo falho, em que nem ao menos escolarização chegava às pessoas do interior e que por isso essas faziam tudo que seus senhores ordenavam, sem ao menos apontar qualquer ponto de vista diferente.

Lobato apresenta uma sociedade injusta e criminosa e apesar de a obra ter sido escrita no século passado é possível encontrar relatos que evidenciam que o Jeca Tatu ainda existe e que o patrão explorador também, mas agora o senhor não detém a carta de eleitor, o matuto a tem em mãos e troca o seu voto por promessas e pequenos favorecimentos financeiros.

Em tais condições, o Jeca então era inapto a fazer parte da evolução do progresso Lobato, questão denunciada mais tarde pelo autor por meio de sua obra *Problema Vital*, acerca das condições que o caboclo e sua família viviam. Nesse sentido, nas palavras do autor, “[...] a inteligência do amarelado atrofia-se, a triste criatura vira um saturno Urupês humano, incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso” (LOBATO, 1927, p. 128).

Monteiro Lobato, com a personagem Jeca Tatu, não nos apresentou somente críticas referentes à saúde, também se manifestou no que se refere à posição do governo no que diz respeito a uma ampla visão dos problemas encontrados na sociedade, com maior atenção ao homem do campo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carmem L., CAMARGO, Marcia M. de R., SACCHETTA, Vladmir. **Monteiro Lobato**; furação na botocúndia. São Paulo: SENAC São Paulo. 1997

BIGNOTTO Cilza Carla. **Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato**: convergências e divergências, 1999, disponível em:

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270120/1/Bignotto_CilzaCarla_M.pdf

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Pica-Pau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAVALHEIRO, Edgar, **Monteiro Lobato: Vida e Obra**, 2ª ed., São Paulo: Cia, Editora Nacional, 1956.

COELHO, Novaes Nelly. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Quiron, 1985.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Ideais de Jeca Tatu**. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 13º ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LOBATO, Monteiro. **Velha Praga**. *In*: Urupês. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Brasiliense, 1951.

LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1972.

LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas** disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=LWKU9uh5FWwC&oi=fnd&pg=PA11&dq=Cidade+mortas+de+Monteiro+Lobato+Urup%C3%AAs&ots=994esvNzgD&sig=yif1R>

wRZLgEGB2zLtg_mlyQnJms#v=onepage&q=Cidade%20mortas%20de%20Monteiro%20Lobato%20Urup%C3%AAs&f=false: Acessos no dia 02 DE Junho de 2018.

MACHADO, M.C.G. **Reinações de um escritor**. Monteiro Lobato. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Maringá 1993.

MERZ, Hilda J. Villela.; BRANDÃO, Ana Lúcia de O.; MANZANO, Sylvia.; OBERG Sílvia. **Histórico e resenhas da Obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PARK, Margareth Brandini. **De Jeca Tatu a Zé Brasil: A possível cura da raça brasileira**. Estudos Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato**. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

PEREIRA, maria tereza golçalvez, **A barca de Gleyre, de Monteiro Lobato:ano orienges da literatura infantil brasileira**. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2018 Disponível em https://www.oepli.org/desc/Actas2010/Papers/11_2.pdf Acesso em 02 de junho de 2018.

SANDRONI, L. **De Lobato a Bojunga – As reinações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987, 181 p.

VASCONCELLOS, Zilda. **O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato**. Disponível em: http://www.ufjf.br/bacharelado/tradingsles/files/2011/02/denise_rezende_mendes.pdf acesso no dia 07 de junho de 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. Revista, atualizada e ampliada. São Paulo: Global, 2003.